

SIZA, ESPERANDO O SUCESSO

Esse ENSAIO faz parte do DOSSIÊ “ARQUITETURAS CONTEMPORÂNEAS”, coordenador por: Márcio Valença e Ricardo Paiva.

SIZA, ESPERANDO EL SUCESSO

SIZA, WAITING FOR SUCCESS

COUCEIRO, JOANA

Dra. Centro de Estudos Nuno Portas, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (CENP-FAUP), email: joanacouceiroarq@gmail.com.

RODRIGUES, JOSÉ MIGUEL

Dr. Centro de Estudos Nuno Portas, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (CENP-FAUP), email: jrodrigues@arq.up.pt.

RESUMO

A questão da “teoria de projeto” em autores que escrevem e refletem sobre a sua própria obra assume, em Siza, um interesse ímpar que importa aprofundar, nomeadamente no início do seu percurso, quando se goza de uma “espontaneidade absoluta, imprevisível, não procurada”, como assume o autor. Este ensaio procura desvelar esse início, traçando um paralelo conceptual entre o jovem arquiteto de 22 anos, ao projetar as “Quatro Casas” em Matosinhos, e a pintura “Esperando o sucesso” (1882) do artista Henrique Pousão. Ambos, no início, personificam a condição do jovem artista que anseia pelo seu espaço, movido por uma insatisfação permanente, uma vontade exigente e um desejo de encontrar a sua própria expressão. O processo criativo inicial de Siza é marcado pela transição entre a ingenuidade e a progressiva consciencialização teórica, fortemente impulsionada pelos seus professores na Escola de Belas-Artes do Porto. A realização das Quatro Casas, o seu primeiro projeto construído, veio testar a sua resiliência e teimosia face ao ceticismo dos clientes e à hostilidade da opinião pública local. Por outro lado, esta mesma obra desencadeará o reconhecimento dos seus pares que culminou com a publicação internacional do seu trabalho. O jovem Siza não se deixará deslumbrar e o percurso subsequente, enriquecido por experiências de forte pendor social, como o programa SAAL, é, desse ponto de vista, revelador. Sem nunca abdicar do “outro” a quem a arquitetura, no final, é dedicada, Siza fixa-se numa busca constante pelo rigor e pela abstração, esperando o sucesso, ainda.

PALAVRAS-CHAVE: Álvaro Siza Vieira; primeiros projetos; Quatro Casas.

RESUMEN

La cuestión de la «teoría del proyecto» en los autores que escriben y reflexionan sobre su propia obra reviste, en el caso de Siza, un interés singular que conviene profundizar, sobre todo en los inicios de su trayectoria, cuando se disfruta de una «espontaneidad absoluta, imprevisible, no buscada», tal y como afirma el autor. Este ensayo pretende desentrañar esos inicios, trazando un paralelismo conceptual entre el joven arquitecto de 22 años, al proyectar las «Cuatro Casas» en Matosinhos, y el cuadro «Esperando el suceso» (1882) del artista Henrique Pousão. Ambos, en sus inicios, personifican la condición del joven artista que anhela su propio espacio, impulsado por una insatisfacción permanente, una voluntad exigente y un deseo de encontrar su propia expresión. El proceso creativo inicial de Siza está marcado por la transición entre la ingenuidad y la progresiva toma de conciencia teórica, fuertemente impulsada por sus profesores en la Escuela de Bellas Artes de Oporto. La realización de las Cuatro Casas, su primer proyecto construido, puso a prueba su resiliencia y su tenacidad frente al escepticismo de los clientes y la hostilidad de la opinión pública local. Por otro lado, esta misma obra desencadenará el reconocimiento de sus pares, que culminó con la publicación internacional de su trabajo. El joven Siza no se dejará deslumbrar y su trayectoria posterior, enriquecida por experiencias de marcado carácter social, como el programa SAAL, resulta, desde ese punto de vista, reveladora. Sin renunciar nunca al «otro» a quien, en última instancia, va dedicada la arquitectura, Siza se centra en una búsqueda constante del rigor y la abstracción, aún a la espera del suceso.

PALABRAS-CLAVES: Álvaro Siza Vieira; proyectos iniciales; Cuatro Casas.

ABSTRACT

The question of ‘design theory’ in authors who write and reflect on their own work takes on, in Siza’s case, a unique significance that warrants further exploration, particularly at the outset of his career, when he enjoyed an “absolute, unpredictable, unsought spontaneity”, as the author himself states. This essay seeks to shed light on those early days, drawing a conceptual parallel between the 22-year-old architect, whilst designing the “Four Houses” in Matosinhos, and the painting “Waiting for Success” (1882) by the artist Henrique Pousão. Both, in the beginning, embody the condition of the young artist yearning for his own space, driven by constant dissatisfaction, a demanding will and a desire to find his own expression. Siza’s early creative process is marked by the transition from naivety to a growing theoretical awareness, strongly encouraged by his teachers at the Porto School of Fine Arts. The completion of the Quatro Casas, his first built project, tested his resilience and tenacity amid clients’ skepticism and the hostility of local public opinion. On the other hand, this very work would trigger recognition from his peers, culminating in the international publication of his work. The young Siza would not allow himself to be dazzled, and his subsequent career, enriched by experiences with a strong social focus, such as the SAAL program, is, from this perspective, revealing. Without ever abandoning the ‘other’ to whom architecture is, ultimately, dedicated, Siza set himself on a constant quest for rigor and abstraction, still awaiting success.

KEYWORDS: Álvaro Siza Vieira; early projects; Four Houses.

Recebido em: 02/06/2026

Aceito em: 23/07/2026



REVISTA

PROJETAR

Projeto e Percepção do Ambiente

v.11, n.3, setembro de 2026

PREÂMBULO

O título deste ensaio evoca uma obra, com título homónimo, do então jovem pintor Henrique Pousão (Figura 1). A tela, *“Esperando o sucesso”* (1882), que se destinava a ser avaliada pela Academia Portuense de Belas-Artes, representa um rapaz com um cavalete em segundo plano onde repousa um estudo do seu próprio retrato.

Figura 1: Henrique Pousão, pintura “Esperando o Sucesso”, 1882.



Fonte: Museu Nacional Soares dos Reis.

Em tom satírico, o rapaz provoca o observador, fixando-o com um sorriso irónico que tenta esconder com uma das mãos enquanto a outra segura um pedaço de papel com a representação infantil e *naïf* de uma pessoa.

A obra tem sido interpretada como um autorretrato do autor, na sua condição de jovem estudante, esperando o sucesso. Pousão tinha 22 anos quando pintou esta obra, a mesma idade de Siza quando projetou as *Quatro Casas*.

Por razões distintas, continuam esperando o sucesso, ainda.

1 INTRODUÇÃO

Num texto seminal e largamente citado, Siza parece inscrever as pedras de toque do seu processo criativo. Publicado em 1983, “*Oito Pontos*” apresenta uma breve e clara introdução: “*Pedem-me um depoimento sobre a minha atividade profissional. Escrevo algumas linhas, oito pontos ao acaso.*” (Siza, 2009, p. 27)

Os pontos elencados pelo autor resultam, assim, de um pedido, uma solicitação exterior, *ad hoc*, a que Siza responde em forma de paradoxo: por um lado, obedecendo a uma ordem concreta (1-8); por outro, “*ao acaso*”, ou à sorte. Também os pontos/temas resultam, na sua maioria, de rumores que lhe chegam:

5) Dizem-me (alguns amigos) que não tenho teoria de suporte nem método. Que nada do que faço aponta caminhos. (...) Os caminhos não são claros. (Siza, 2009, p. 28-29)

Siza parte dos *ditos* enquanto detonadores para a sua reflexão, não tanto para convencer ‘os outros’ (o tom dominante é, aliás, o de alguém imune à opinião pública), mas, antes, de uma autoanálise onde ‘o outro’ (cliente, morador, operário, etc.) paira permanentemente (desde muito cedo).

4) Dizem de obras minhas, recentes e antigas: baseiam-se na arquitetura tradicional da região.

Também essas obras me fizeram conhecer a resistência de um operário, a ira de quem passa e de quem julga.

A tradição é um desafio à inovação. (idem, p. 28)

Os caminhos podem não ser claros, mas são apontados por Siza desde essas primeiras obras em que, ainda jovem, enfrenta grandes resistências. Disso nos fala a filha dos primeiros clientes, recordando as conversas dos pais, *cheios de dúvidas e interrogações*:

“*Ai Fernando, ele é tão novo! Afinal só tem 21 ou 22 anos, será que vai ser capaz? Ainda nem o curso tem!*” (Neto, 2023, p. 53)

Acusado de não ter teoria de suporte nem método, o jovem Siza (esperando o sucesso?) foi sendo capaz.

Hoje parece evidente. Com este ensaio, propomos “*redescobrir a mágica estranheza, a singularidade das coisas evidentes*”, tal como Siza (ao acaso) conclui o seu oitavo ponto.

2 AS PRIMEIRÍSSIMAS OBRAS

O pavilhão da casa Roberto Ivens, onde Siza vivia com a sua família, terá sido o primeiro trabalho do autor, então com 15 ou 16 anos, pouco tempo antes de entrar na Escola de Belas-Artes do Porto, em 1949 (Figura 2). Ainda na esfera familiar, Siza encarrega-se da remodelação da cozinha da avó (Figura 3) e do projeto de um portão para a casa do tio (Figura 4), ambos em 1952, quando frequentava o terceiro ano do curso.

Figura 2: Pavilhão “tradicionalista” da Casa Roberto Ivens, Matosinhos, 1949.



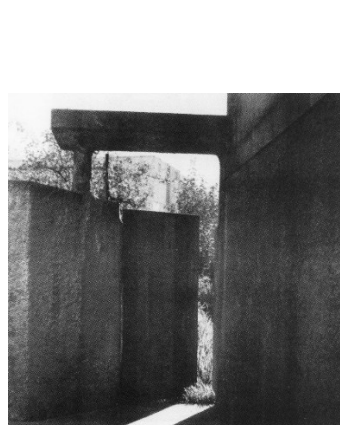
Fonte: Projeto Siza Barroco

Figura 3: Cozinha da avó, Matosinhos, 1952.



Fonte: José Salgado, Álvaro Siza em Matosinhos, Afrontamento, CMM, 2005.

Figura 4: Portão para o tio, Matosinhos, 1952.



No entanto, é com o projeto das quatro casas, desenvolvido entre 1954 e 1957, que Siza estreia no domínio público como arquiteto, ainda que a instrução do processo na Câmara de Matosinhos não pudesse ser legalmente assumida por si, dado que ainda não tinha concluído o curso.

Com um cliente anónimo e uma encomenda complexa, Siza experimenta, pela primeira vez, o salto sem rede, desenvolvendo um trabalho autónomo e completo, passando por todas as fases de um projeto (do estirador ao estaleiro) e lidando com todos os intervenientes ao longo do processo (cliente, município, engenheiros, operários, etc.), incluindo a opinião pública e a crítica disciplinar.

O percurso que vai do pavilhão em Roberto Ivens às quatro casas em Matosinhos espelha a ingenuidade e as hesitações de um arquiteto em formação, bem como a importância dos pedagogos na construção de um espaço crítico de afinidades e referências que vão informando e iluminando o processo criativo.

O telhadinho de quatro águas e beirais do pequeno pavilhão em Roberto Ivens (devedor do universo da “*casa portuguesa*”, veiculado nos livros de Raul Lino), depressa dará lugar a referências mais modernas (Le Corbusier, na Cozinha da avó) ou modernistas (Gaudí, no Portão do tio).

A influência do pai no desenho do pavilhão, como o próprio admite – “*No fundo, fiz o que o meu pai pretendia (...) que corresponde um pouco a um gosto da época. (...) Eu nem sequer tinha qualquer sentido crítico em relação a isso*”¹ – será progressivamente compreendida num contexto mais amplo que a escola viria a potenciar.

Em 52, estava no 3.º ano e ainda não estava verdadeiramente empenhado em Arquitectura. A cozinha e o portão são dessa altura. Lembro-me que nesse ano foi meu professor de Projectos o Carlos Ramos que, na primeira crítica que me fez, de grande agudeza aliás, me disse: ‘Você não tem a mínima noção do que é a Arquitectura Moderna! E, porquê? Porque não conhece! Aconselho-o a comprar umas revistas, porque precisa de ter muito mais informação!’ (Siza, 2011, p. 39).

O projeto das quatro casas é, desse ponto de vista, muito mais informado e consciente. Além de ter seguido o conselho de Carlos Ramos², nos anos seguintes o seu percurso fica marcado pela personagem de Fernando Távora de quem será aluno e eterno discípulo.

O Távora foi meu professor no 4.º ano. Reconheceu-me qualidades e apoiou-me imenso. Entre muitas outras coisas foi com ele que aprendi a importância da tradição e a considerar a continuidade como princípio constitutivo da realidade (Idem, ibidem).

Nas quatro casas, o jovem arquiteto, ainda sem diploma, era já Siza em potência. Mas ninguém o sabia. Seria preciso esperar.

Hoje, com o que sabemos, talvez seja possível identificar as células estaminais do que viria a ser a sua prática disciplinar.

3 QUATRO CASAS EM MATOSINHOS

Construídas na Vila de Matosinhos, a poucos quilómetros da cidade do Porto, as quatro habitações foram encomendadas por três pessoas duma mesma família (duas habitações unifamiliares, mais duas habitações geminadas [estas para arrendar]) (Siza, 1955, s/p).

Maria João Neto, filha do cliente da primeira casa, explica o processo de aceitação da proposta por parte dos pais, admitindo que não terá sido fácil para o jovem arquiteto:

Devia ser assustador aquele primeiro impacto, tanto mais que ele teria a consciência de que ia apresentar uma proposta totalmente diferente do modelo que lhe foi indicado.... Salvo uma varanda grande. (Neto, 2023, p. 51)

O modelo era uma casa nas Antas que a mãe gostava particularmente e onde os pais levaram o arquiteto pensando que este, naturalmente, a reproduziria. Siza enfrentou a encomenda e, a partir das premissas que lhe foram dadas, desenhou um conjunto para aquele lugar concreto (Figuras 5 e 6).

Inseridas num “mar” de moradias de subúrbio por entre a malha cruzada das ruas, o facto de constituírem uma encomenda, por assim dizer, comum, permitiu a adopção de uma mesma linguagem, como método unificado (Siza, 1955, s/p).

A memória descritiva do projeto mostra, desde logo, preocupações urbanísticas, mas a resposta arquitetônica parecia indiferente *ao gosto* dos clientes.

O meu pai perdeu a fala. Precisava de tempo para digerir. (...) Era uma coisa nunca antes vista: tantos telhados, janelas pequenas... onde estava a casa de sonhos da Fernanda?

- Mas, senhor Arquiteto, isto não é nada como a casa das Antas!...

- Bem, Dona Fernanda, repare, tem uma enorme varanda... São dez metros!”

- Sim, senhor Arquiteto, mas é tão tapada!

- Assim estão mais à vontade... – disse Siza. (Neto, 2023, p. 53)

Embora jovem e inexperiente, Siza não se refugiou no caminho mais fácil nem se demitiu de explicar as suas opções para evitar confrontos. O próprio explicará, mais tarde, a propósito do processo de participação no SAAL³.

O arquiteto pode ter duas atitudes. Condescender para evitar tensões (Mas esta atitude é puramente demagógica e, neste caso, a intervenção do arquiteto é inútil); ou, pelo contrário, pode assumir os conflitos, (...) discussões muito ricas, ainda que duras e difíceis, muitas vezes. (...)

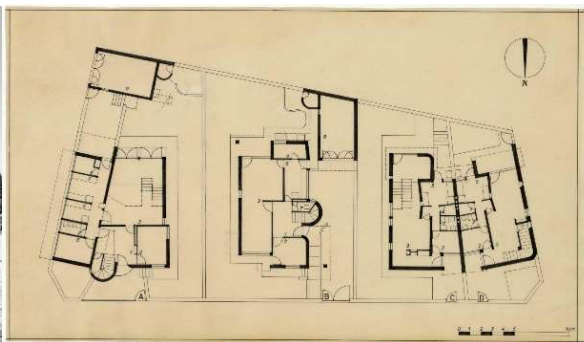
Para mim, estes processos de participação são sobretudo processos de crítica e de transformação do pensamento, das representações dos habitantes, mas, também, dos conceitos do arquiteto (Siza, 1983a, p. 18).⁴

Figura 5: Quatro Casas



Fonte: Projeto Siza Barroco

Figura 6: Planta de conjunto das Quatro Casas



Fonte: Fundação de Serralves

É natural que, com as várias experiências, nomeadamente o processo SAAL, Siza tenha chegado a várias conclusões sobre o ofício, sendo capaz de sintetizar com clareza que *“a tarefa do arquiteto é pôr em evidência as oposições que existem face à informação e dado o conhecimento”*; o que merece aqui destaque é que, na prática, desde a primeira obra, Siza cumpre sem concessões.

- Ai Senhor arquiteto, desculpe, mas eu não estou a gostar...

- Olhe, Dona Fernanda, eu vou trazer-lhe uma maquete e umas revistas e a senhora vai compreender melhor como a casa vai ser.

Uns dias depois voltou lá a casa com o prometido e após explicações, muita argumentação e uma grande dose de abençoada teimosia, lá venceu o ceticismo da minha mãe e os receios do meu pai (Neto, 2023, p. 53).

Neste depoimento é notório o seu comprometimento com a profissão (e tudo o que ela envolve), chegando a ser comovente a gratidão, de quem cresceu na casa, ao arquiteto. A persistência de Siza (confundida, também, com mau feitio) é frequentemente elogiada mais tarde, mas também há exemplos em que o seu

papel é convocado pelo próprio cliente no início, como o demonstra Manuel Alves dos Santos⁵ em carta enviada a Siza:

Sobre a concepção da casa eu confio inteiramente no Sr. Arquiteto, limitando-me a pedir-lhe que me ajude a gostar quando eu não estiver à altura. (Alves dos Santos, 1965, s/p)

Siza encontrará esta mesma disposição para aprender nos moradores organizados em cooperativas, como na Bouça e em S. Vitor, num período único para a arquitetura. Será no contexto da Pós-Revolução de Abril que as características que temos vindo a desvelar o farão sobressair. Referimo-nos à forma como Siza não abdica da sua *condição de técnico* nem admite que os problemas sejam um limite à qualidade, ao rigor e à poesia.⁶

Esta postura, que já estava presente no jovem Siza, como vimos, não mudará muito. Ao contrário da sua obra (pelo menos do ponto de vista expressivo), como o próprio admite a propósito da experiência marcante que terá sido o SAAL.

A experiência da habitação social foi muito importante para mim, para esse processo de depuração do desenho e da tomada de consciência do que desenhamos. De facto, durante a realização da minha primeira casa, não sabia bem o que fazia: estava preocupado com a tradição construtiva da região e nota-se, sobretudo, a influência de Le Corbusier, de Ronchamp, claramente. Desenvolver a capacidade de projectar, é ganhar consciência do que desenhamos, é avaliar cada um dos traços, é rejeitar o que é gratuito e falso. (Siza, 1983a, p. 17)

A capacidade de projetar parece caminhar no sentido da abstração, operação para a qual Siza não estaria totalmente preparado, ainda.

4 RECEPÇÃO CRÍTICA

A construção da obra leva Siza a experimentar novas tensões, resistindo-lhes, igualmente.

Acabado de construir, o projeto das Quatro Casas *“teve logo direito a crítica indignada no ‘Comércio do Porto’”*.⁷ No dia 21 de Março de 1957 é descrito pela imprensa local como *“o mostrengo”*, num artigo que convida os leitores a irem ver *“os casinhotos”*.

Na festa do Senhor de Matosinhos, pouco depois da família se mudar para a nova casa, *“o sonho virou pesadelo, quando se começaram a ouvir os comentários: – Ui, o que é isto? – Parece um palheiro! – Olha só para estes casinhotos... – Parece a gaiola dos grilos. – Parece o curral dos porcos”* – recorda Maria João. (Neto, 2023, p. 77)

A crítica feroz terá marcado a família e o jovem arquiteto que, mais tarde, também escreverá sobre este episódio.

Na noite maior havia, como habitualmente e até hoje, um mar de gente. No meio da multidão seguia, cantando e provocando, uma fila de “mulheres da fábrica”. (...) Pararam em frente da primeira casa, que eu acabara de desenhar para o Sr. Neto (a família sentada na longa varanda como ele desejara). O grupo parou e iniciou dança e coro com letra a propósito: as casas mais feias de Matosinhos. A família recolheu e eu e os meus amigos, que andávamos por aí, retiramos com embaraço e gozo, para lugar mais discreto. (Siza, 2022, p. 82-83)

Foi o primeiro impacto de Siza com a opinião pública. O primeiro de muitos a que Siza podia facilmente sucumbir. Não vacilou. Não que a opinião pública lhe fosse indiferente, era apenas mais uma a considerar entre os vários pareceres implicados no complexo ofício a que decidira dedicar-se.

As vozes discordantes haviam começado já durante a obra, mas, para os seus pares, Siza parecia revelar-se como potencial promessa.

Um dia, apareceram três senhores de Lisboa. (...) Nuno Portas, Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral. Foram espreitar a obra. Viram, gostaram e deixaram uma mensagem ao jovem promissor, incentivando-o no seu trabalho. (Neto, 2023, p. 61).

Nuno Portas, um ano mais novo do que Siza, pouco tempo depois, viria a integrar a direção da Revista *Arquitectura*⁸, o principal veículo crítico e de divulgação disciplinar em Portugal, nomeadamente de uma “*novíssima geração*”⁹ de arquitetos portugueses, influenciada pelos debates internacionais do pós-guerra.

O n.º 68 da revista, publicado em Julho de 1960, será dedicado a “*3 obras de Álvaro Siza Vieira*”¹⁰ e ficará para a história como a primeira publicação sobre o seu trabalho (Figura 7). Ao longo de 33 páginas, desenhos e fotografias de 3 obras do autor são apresentados a par de um ensaio crítico assinado por Nuno Portas. Neste texto de fôlego, Portas começa por abordar o que considera ser “*a natureza e justificação de uma exuberância formal evidente nestas obras (...) tentadora no plano do gosto, até por serem impecavelmente detalhadas (...). No entanto o seu valor maior está nos ambientes para cuja expressão tais soluções se impuseram*” (Portas, 1969, p. 17).

No *Grupo de Moradias em Matosinhos*, o autor identifica, ainda, o tema da interioridade como elemento comum às primeiras casas desenhadas por Siza: “*a localização e o tratamento figurativo das zonas de vida, aqui deliberadamente voltadas para o interior do lote, num ambiente intimista fechado entre planos limítrofes enriquecidos pela sua forma livre e variações de níveis.*” (Portas, 1960, p. 19)

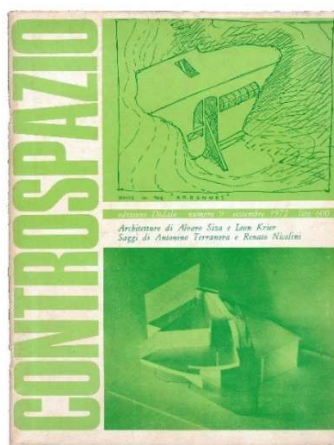
Em 1972, Portas voltará a fazer história na divulgação internacional de Álvaro Siza a partir da revista italiana *Controspazio* (Figura 8). Entre as páginas 22 e 39 desta publicação desenvolve-se a secção “*Architettura recenti di Álvaro Siza*”, com um texto introdutório de Gregotti (“*Presentazione di Vittorio Gregotti*”) e um ensaio “*sobre o significado da arquitectura de Álvaro Siza no ambiente português*” que Nuno Portas inaugura com uma simbólica declaração de princípio: “*Siza é seguramente a personalidade mais forte da sua (e minha) geração (...)*” (Portas, 1972, p. 24).

Figura 7: Capa da revista *Arquitectura*, nº 68



Fonte: Digitalização dos autores

Figura 8: Capa da revista *Controspazio*, numero 9



Fonte: Digitalização dos autores

Apenas 15 anos distanciam esta manifestação das publicadas no artigo d'O *Comércio do Porto*. O ainda jovem Siza parecia começar a alcançar o sucesso, mas o seu desassossego foi sempre superior a qualquer deslumbramento.

Veja-se como, em 1967, numa carta a Nuno Portas, refletindo sobre os seus projetos (provavelmente a propósito desta publicação), Siza descreve a Casa Carneiro de Melo (1956-1959):

No que diz respeito à articulação da planta, sinto que já estava a tentar combater aqui os aspectos que o Pedro Vieira de Almeida mencionou na sua crítica aos meus primeiros trabalhos (quando fala de claustrofobia)¹¹ (Siza, 1997, p. 148).

Ou como, em 1983, procura explicar, numa entrevista, a transformação da sua ideia de casa urbana, que se inicia com o desenho de uma casa introvertida (como a Casa Manuel Magalhães, 1967-1970, Figuras 9 e 10), que depois se transforma na Casa Carlos Siza (1976-1978 – Figuras 11 e 12), com *bay-window* sobre a rua, ou, na “explosão” da assim chamada “Casa Bomba” (Casa Beires, 1973-1976 – Figuras 13 e 14), resultado de uma autocrítica a obras anteriores:

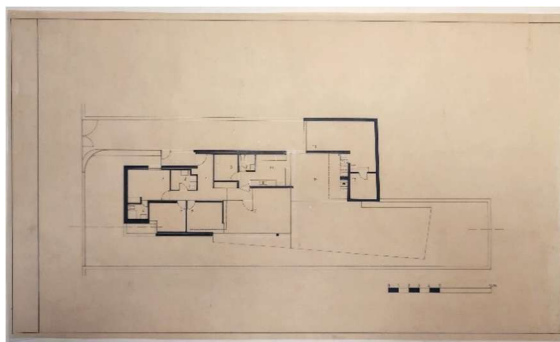
(...) por isso, é um pouco exuberante, um bocado exótica; talvez não tanto quanto poderá parecer nas fotografias. Na minha reacção, comecei por considerar o entorno, uma rua com casas isoladas de uma outra maneira, ainda que não seja certo que a tenha feito assim por esta razão, já que as casas à volta continuavam a não me interessar. Não obstante, já não me pareceu que a resposta correcta fosse encerrar-me à volta de um pátio. Simplesmente projectei um bloco como as outras casas, todas seguindo as mesmas regras (Siza, 1983b, p. 42).

Figura 9: Fotografia de época Casa Manuel Magalhães



Fonte: Canadian Centre for Architecture.

Figura 10: Planta da Casa Manuel Magalhães



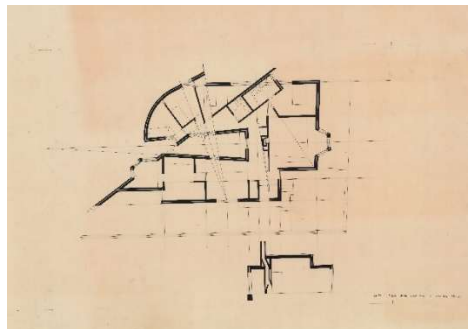
Fonte: Idem

Figura 11: Fotografia da Casa Carlos Siza



Fonte: Projeto Siza Barroco

Figura 12: Planta da Casa Carlos Siza



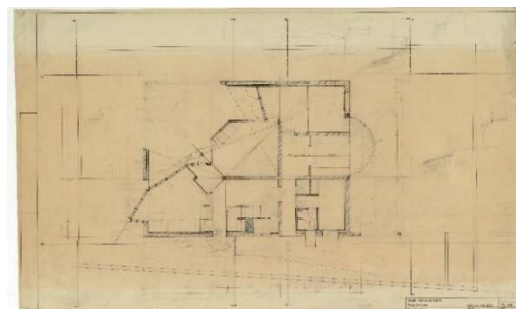
Fonte: Fundação Calouste Gulbenkian

Figura 13: Fotografia da Casa Beires (Casa Bomba)



Fonte: Projeto Siza Barroco

Figura 14: Planta da Casa Beires



Fonte: Fundação de Serralves

As alterações expressivas que vamos observando na sua obra não resultam de ímpetos estilísticos, nem de derivas de um arquiteto eclético, mas, antes, de uma outra característica que (além da responsabilidade disciplinar e da persistência argumentativa demonstradas na primeira obra) desde sempre o acompanhou: a autocrítica. Naquela mesma carta (1967) enviada a Portas, há, a este respeito, um desabafo inesperado:

Relendo o que escrevi, fiquei impressionado com o tom pessoal e presunçoso destas notas. Pedi à Totó que as ouvisse e ela disse-me que nunca antes me tinha visto a elogiar assim o meu trabalho (Siza, 1997, p. 152).

Talvez nunca mais.

Em Siza, o crónico sentido crítico habita permanentemente o espaço do projeto e recoloca a sua prática numa “*espécie de realismo limitado e naïf*” (Siza, 2022, p. 82-83) como aquele que, segundo o autor, presidiu à sua primeira obra.

5 ESPERANDO O SUCESSO

Em 1959, Portas escrevia, no n.º 66 da Revista *Arquitectura*, sobre “*A responsabilidade de uma novíssima geração no Movimento Moderno em Portugal*” e, pouco depois, o projeto das *Quatro Casas* é capa do n.º 68 da revista. Internacionalmente, Siza é por si apresentado na publicação Italiana *Controspazio* como o melhor da sua geração (corria o ano de 1972).

Em 1974, precipita-se a Revolução dos Cravos e o mesmo Nuno Portas, agora secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, estabelece por despacho interno, entre várias ações prioritárias, a criação de um “Serviço de Apoio Ambulatório Local” (SAAL) que permitisse a organização interna das populações na resolução dos problemas da Habitação, bem como o seu imediato envolvimento em auto-soluções com apoio técnico no terreno. A responsabilidade dessa *novíssima geração* torna-se efetiva e real. Implicava deixar o estirador e penetrar nas entranhas da cidade.

Siza não desilude. Mas também não voltará a cometer o ‘*pecado original*’ de elogiar o seu próprio trabalho num tom presunçoso. Embora identifique problemas no *realismo limitado e naïf* das suas primeiras obras, será essa espontaneidade que procurará para o seu trabalho. Um paradoxo (mais um), a que Siza chamará de “*segunda espontaneidade*”.

A propósito da casa Bahia (1983-1993, Figura 15), que nunca chegou a ser construída, mas que é largamente reconhecida pela originalidade do projeto, Siza recorda os comentários ao edifício: “ *muito imaginativo!*”.

No dizer das pessoas do meu escritório: talvez até demasiado. Os desenhos iniciais foram considerados bonitos, embora perigosamente próximos da expressão plástica infantil, uma coisa que me encanta e encantou.

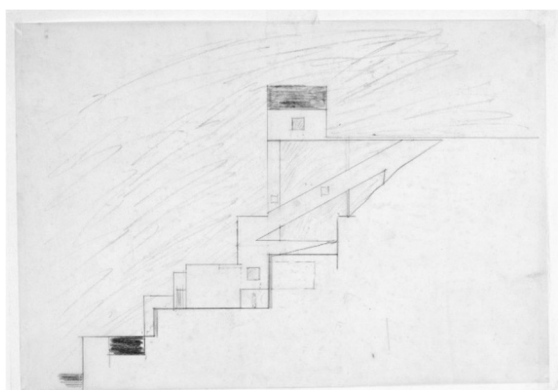
É desejo de há muito tempo conseguir encontrar a essencialidade no desenho de algumas manifestações e representações de crianças.

De qualquer modo, a afirmação de grande imaginação foi geral. E, no entanto, neste edifício: imaginação zero.

Ele é assim por razões extremamente fortes e quase contra a minha vontade (Siza, 1990, 52’50”–54’00”).¹²

Este encantamento e desejo de alcançar essa essencialidade da expressão infantil fazem-nos recordar o autorretrato de Henrique Pousão, *esperando o sucesso*. Siza, numa fotografia de época, é retratado numa cena análoga à obra de Pousão (Figura 16).

Figura 15: Álvaro Siza, desenho Casa Bahia



Fonte: Canadian Centre for Architecture

Figura 16: Caixa de luz, exposição Siza, Câmara Barroca



Fonte: Projeto Siza Barroco; <https://www.sizabaroque.com/>

Na sala partilhada do número 35 do edifício Imperial, onde “*se trabalhava até altas horas, por vezes toda a noite, nas vésperas da entrega (...)* e o equipamento de cada um se resumia a uma mesa, um T e um

esquadro” (Siza, 2018, 129), o jovem Siza é captado num momento de concentração com os desenhos das quatro casas afixados, em segundo plano, nas paredes do atelier (Figura 17).

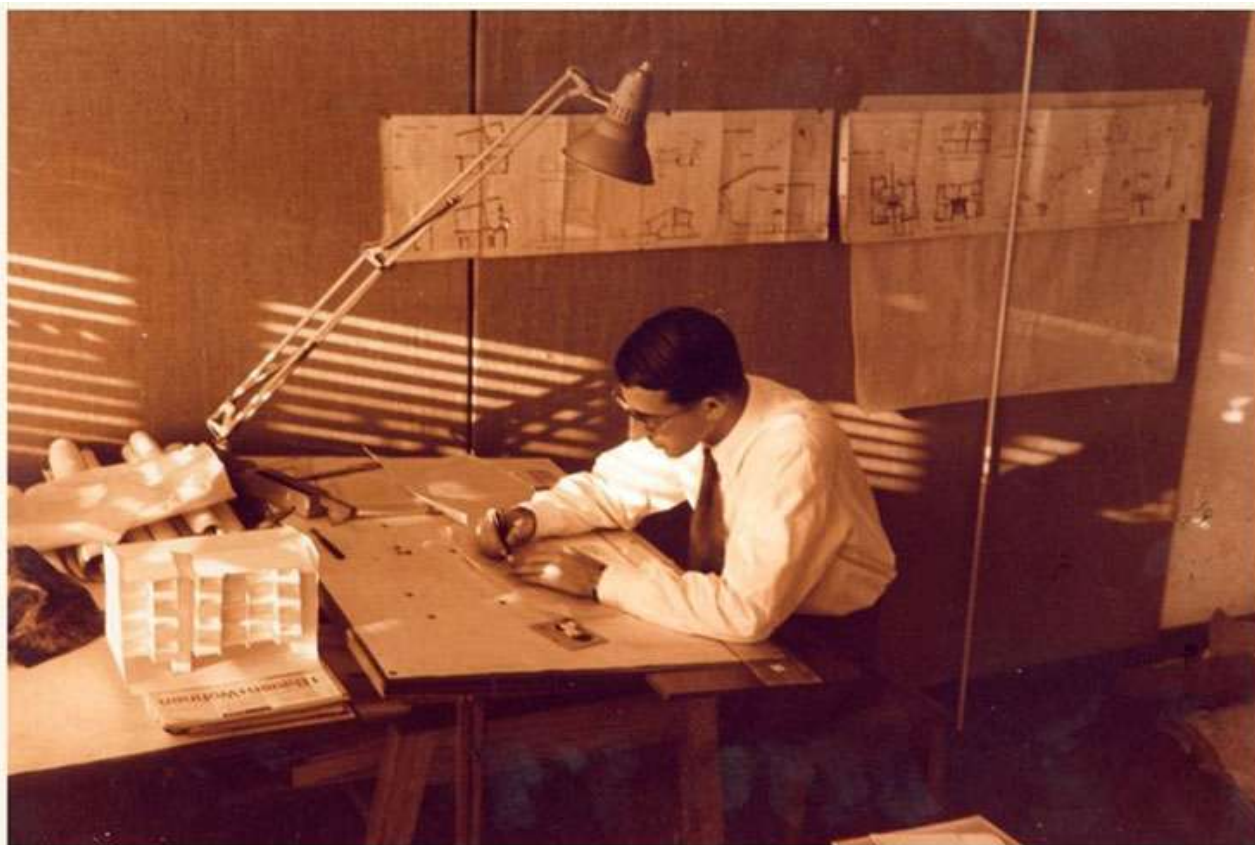
Fotografia e pintura, Siza e Pousão, encontram-se numa situação análoga e afim. Tinham ambos 21-22 anos, uma vontade indómita de mudar o mundo e uma autenticidade própria das crianças.

O primeiro sentimento a afectar as crianças é a inveja.

Sendo assim, é uma luta de toda uma vida para quem o não aceite.

Poucos resistem (Siza, 2019, p. 23).

Figura 17: Fotografia do escritório partilhado no edifício Imperial



Fonte: Arquivo escritório Álvaro Siza, in Exposição Siza, Câmara Barroca.

POST SCRIPTUM

Henrique Pousão morrerá em 1884, com 25 anos, pouco depois de ver nascer a sua obra, esperando o sucesso, ainda.

REFERÊNCIAS

ALVES DOS SANTOS, M. Carta a Álvaro Siza Vieira, Álvaro Siza archives. In: **Álvaro Siza archives**, Canadian Centre for Architecture, 1965.

GREGOTTI, V.. Architecture recenti di Alvaro Siza. **Controspazio**, n. 9, settembre 1972. Milano, Dedalo, p. 22-23.

NETO, M. J. **O Nosso Arquitecto**, a primeira obra do arquitecto Álvaro Siza Vieira e as histórias da família Neto. 1.^a ed (da autora), 2023.

PORTAS, N. 3 obras de Álvaro Siza Vieira in **Arquitectura**, n.68, Julho, 1960, p. 12-33.

PORTAS, N. 1972. Note sul significato dell'architettura di Alvaro Siza nell'ambiente portoghese. in **Controspazio** n. 9, settembre 1972. Milano: Dedalo, p. 24-39.

- SIZA, Á. **Memória descritiva das quatro casas**, submetida à Câmara Municipal de Matosinhos, arquivos da CMM, 1955.
- SIZA, Á.. Pour une Architecture Épurée et rigoureuse (Entrevue de France Vanlaethem avec l'architecte portugais, à l'occasion de son séjour à Montréal pour le colloque «*Architecture et identité culturelle*») in **ARQ Architecture**, n. 14, Août. Québec: La Revue des membres de l'ordre des Architectes du Québec, p.16-19, 1983a.
- SIZA, Á.. Siza entrevistado por Pepita Teixidor. In: **Quaderns** n. 159, Outubro, Novembro, Dezembro, Barcelona: COAC, 1983b.
- SIZA, Á. **Architecture Writings** (Antonio Angelillo ed.). Milano, SKIRA, 1997.
- SIZA, Á.. **01 Textos**. Porto, Civilização, 2009.
- SIZA, Á. **Siza entrevistado por José Salgado - A Casa em Roberto Ivens**. Matosinhos: ACA- Associação Casa da Arquitectura, p. 7-44, 2011 (2009).
- SIZA, Álvaro. **02 Textos**. Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 2018.
- SIZA, Álvaro. **03 Textos**. Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 2019.
- SIZA, Álvaro. **04 Textos**. Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 2022.

NOTAS

- ¹ Álvaro Siza entrevistado por José Salgado (marido da irmã Tereza Siza), sobre a casa Ivens, onde ambos conviveram em família. A entrevista ocorre na Primavera de 2009 sendo publicada posteriormente: (SIZA, 2011, p. 25)
- ² Carlos Ramos, juntamente com Fernando Távora, serão dois Mestres que Siza invocará recorrentemente na sua escrita, incluindo em textos de homenagem aos dois autores. Sobre o Pavilhão Carlos Ramos, na FAUP escreve: "A pedra de fundação foi como sempre fictícia; a pedra final foi a comovida homenagem a Mestre Carlos Ramos. Estava lá o rododendro e ao lado e em meu apoio o querido Amigo e Mestre Fernando Távora." (Siza, 2009, p.358)
- ³ SAAL, acrónimo de "Serviço de Apoio Ambulatório Local", programa estatal lançado no período pós-revolução para responder à grave crise de habitação em Portugal, nomeadamente das populações desfavorecidas. Este programa foi internacionalmente reconhecido pela dimensão participativa das populações no processo de construção.
- ⁴ Esta e as demais citações da entrevista de France Vanlaethem a Siza (Cf. Siza, 1983a), foram traduzidas pelos autores a partir do original em francês.
- ⁵ Alves dos Santos é o cliente da casa homónima (1964-1969). Em 22 de Agosto de 1965, durante o processo de conceção da casa, Manuel Alves dos Santos escreve uma carta a Siza, manifestando-se sobre o projeto.
- ⁶ Siza escreve num texto, publicado originalmente na *Lotus Internacional* nº13, em 1976, sobre a ação das Brigadas do SAAL: "A Brigada não considera nem admite que a urgência dos problemas seja um limite à qualidade e à poesia.", Siza, Linhas de Acção dos Técnicos como Técnicos in S. Victor, Lisboa: Tinta da China, 2019, p.41.
- ⁷ O artigo publicado no Jornal *O Comércio do Porto*, comentando as Quatro Casas de Siza, data de 21 de Março de 1957.
- ⁸ Revista *Arquitectura* é considerada a mais importante publicação disciplinar do sec. XX. Manteve-se ativa entre as décadas de 20 e 80 tendo sido o principal veículo de debate crítico e divulgação da cultura arquitetónica. A divulgação de Álvaro Siza, corresponde à terceira série da revista, sob a direção de Carlos Duarte, com Nuno Portas e Pedro Vieira de Almeida.
- ⁹ "A responsabilidade de uma novíssima geração no movimento moderno em Portugal", artigo de Nuno Portas que cunhará uma geração de arquitetos (de que Siza e o próprio autor do texto fazem parte) como os "novíssimos" e que marcará a origem do debate geracional na cultura arquitetónica portuguesa. *Revista Arquitectura* nº 66, Dezembro, 1959, p. 13-14.
- ¹⁰ Neste dossier da revista são apresentadas as seguintes obras de Álvaro Siza: I – grupo de moradias em Matosinhos (Quatro Casas), II – Habitação Cameiro de Melo, na Avenida da Boavista e III – Centro de Assistência Paroquial de Matosinhos.
- ¹¹ A retradução para língua portuguesa desta e da citação seguinte da "Carta ao Nuno Portas" (1967) – originalmente publicada na revista *Hogar y arquitectura: revista bimestral de la obra sindical del hogar*, Año 1967, Número 68 – são da responsabilidade dos autores do presente ensaio a partir de: Álvaro Siza, *Architecture Writings* (Antonio Angelillo ed.). Milano, Skira, 1997.
- ¹² Álvaro Siza, *Discursos de Arquitectura* (disponível em VHS na biblioteca da FAUP), ESBAP, Porto, 23.03.1990.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.